

SONS AO REDOR

efeitos do COVID-19 na espacialidade sonora dos lugares que habitamos

SOUNDS AROUND

COVID-19's effects on the sound spatiality of the places we inhabit

Paulo Afonso Rheingantz¹, Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro², Ana Paula da Cunha Rodrigues Lourenço³, Arthur Barbosa da Costa⁴, Caíque Azael Ferreira da Silva⁵, Cristiane Dameda⁶, Cristiana de Siqueira Gonçalves⁷, Jéssica David⁸, Lucas Gabriel de Matos Santos⁹

Resumo

Este texto, escrito durante a quarentena da pandemia do COVID-19, explora o conhecimento como uma tecnologia de pensar situada que reúne participantes humanos e tecnologias, organismos, dispositivos, etc. Buscamos apresentar um processo que entrelaça mediações entre humanos e tecnologias – referências a autores, artigos, teses, computadores, celulares, encontros pelo Zoom, troca de e-mails, de mensagens pelo WhatsApp, arquivos MSWord e GoogleDocs – no qual, para além de discutir as implicações de designações como paisagem sonora, ecologia acústica, acustemologia, sonoridade e espacialidade sonora, reunimos um conjunto de registros de experiências performadas pelos autores nos seus habitats em contextos de isolamento social. Essas experiências foram produzidas a partir de um mote disparador: descreverem os lugares que habitam e prestarem atenção aos sons que ouviam antes e depois da chegada do coronavírus. Tais narrativas são apresentadas como um mosaico onde as experiências se singularizam, mas também se entrecruzam, revelando pontos comuns que retomaremos ao final. Entendemos que uma atenção às experiências dos sujeitos pode contribuir para uma arquitetura ampliada, que se reconhece imersa em um mundo animado, que demanda atenção ao que emerge das conexões entre o mundo humano e o mundo material. Palavras-chave: COVID-19, lugares, habitat, sons ao redor, tecnologia de pensar situada.

¹ Arquiteto, doutor em engenharia de produção, professor colaborador voluntário do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ, colaborador voluntário do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel.

² Psicóloga, doutora em comunicação e cultura, professora titular do Instituto de Psicologia (IP/UFRJ), líder do grupo de pesquisa Cultura Contemporânea: subjetividade, Conhecimento e Tecnologia.

³ Psicóloga, doutora em psicologia, professora assistente do Centro Universitário IBMR.

⁴ Psicólogo, cursa mestrado no Programa de Pós-graduação e Pesquisa em Psicologia (PPGP/IP-UFRJ)

⁵ Psicólogo e cursa mestrado no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/IP-UFRJ) com bolsa Capes. Pesquisador do Dicionário de Favelas Marielle Franco (Fiocruz).

⁶ Psicóloga, mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais, cursa doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/IP-UFRJ).

⁷ Psicóloga, pedagoga e doutora em psicologia.

⁸ Psicóloga, mestre em psicologia, cursa doutorado no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/IP-UFRJ).

⁹ Psicólogo, mestre em Psicologia, cursa doutorado em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/IP-UFRJ).

Abstract

This paper, written during the quarantine of the COVID-19 pandemic, explores knowledge as a situated thinking technology that brings together human participants and technologies, organisms, devices, etc. We seek to present a process that interweaves mediations between humans and technologies - references to authors, articles, theses, computers, cell phones, Zoom meetings, exchange of emails, messages via WhatsApp, MSWord and GoogleDocs files. In addition to discussing the implications of designations such as soundscape, acoustic ecology, acoustimology, sound, and sound spatiality, we have gathered a set of records of experiences performed by the authors in their habitats in contexts of social isolation. These experiences were produced from a trigger motto: describe the places they inhabit and pay attention to the sounds they hear before and after the arrival of the coronavirus. Such narratives are presented as a mosaic where experiences are unique, but also intertwine, revealing common points that we will return to at the end. We understand that attention to the subjects' experiences can contribute to an expanded architecture, which is recognized as immersed in an animated world, which demands attention to what emerges from the connections between the human and the material world. Keywords: COVID-19, places, habitat, sounds around, situated thinking technology.

*Qualquer coisa que se mova, em nosso mundo, vibra o ar.
Caso ela se mova de modo a oscilar mais que dezesseis vezes
por segundo,
esse movimento é ouvido como som.
O mundo, então, está cheio de sons.*

Ouça.

Murray Schafer (2011)

Considerações iniciais

O presente ensaio começa a se desenhar a partir de uma interrogação: que sons temos ouvido ultimamente? Essa pergunta seria simples e mesmo banal, se não fosse feita no âmbito de uma experiência bastante singular, própria desse estranho tempo em que estamos vivendo. Tempo em que uma entidade invisível passa a circular entre nós e em nós, deixando rastros e produzindo efeitos imprevisíveis e incomensuráveis, a ponto de, “em questão de semanas, suspender, em todo o mundo e ao mesmo tempo, um sistema econômico que até agora nos diziam ser impossível desacelerar ou redirecionar” (LATOURETTE, 2020, p. 1).

O ano é 2020 e o contexto é o de uma pandemia. Um vírus, identificado em uma província da China, começa a circular e toma o mundo de uma forma radical. Para o novo COVID-19 – como ficou conhecido – não temos defesa, justamente por sua novidade. Também para combatê-lo não há remédio com eficácia comprovada, muito menos uma vacina para todos – pelo menos, até o presente momento. Seus efeitos no organismo humano vão sendo pouco a pouco conhecidos: os sintomas podem se assemelhar aos de uma gripe leve, mas também podem ser gravíssimos, acometer pulmões, coração, rins e até mesmo o sistema nervoso. Descobrimos que as vulnerabilidades acentuam a gravidade dos sintomas bem como sua letalidade. Vulnerabilidades fisiológicas, que acometem os cardiopatas, os portadores de doenças respiratórias, os indivíduos imunodeprimidos e os idosos. Vulnerabilidades sociais, que incidem sobre a parcela da população que vive em condições bastante desfavoráveis e depende dos sistemas públicos de saúde já tão precarizados em nosso país.

Logo, se não há como remediar, a saída é prevenir, e assim o isolamento social passou a ser indicado como a alternativa mais eficiente para evitar a contaminação. Subitamente, todos passamos a habitar de um modo diferente e muito mais intenso nossas próprias casas. Nossas vidas passaram a ter outros contornos, outras rotinas – de trabalho, de lazer, de descanso. Perguntas triviais como, por exemplo, *como você está?* passaram a ter respostas mais elaboradas e ouvintes atentos. Nesses relatos, muitas vezes, surgia uma atenção especial menos associada à nossa visão – pois o confinamento limita o alcance da visão, a não ser pelas telas dos dispositivos – do que ao que ouvíamos ou estávamos deixando de ouvir. *Ouçõ pássaros próximos à minha janela. Não ouço mais tanto ruído de carros nem de buzinas. Alguém na minha vizinhança parece estar aprendendo um instrumento novo. Nossa, nem sabia que meu vizinho tocava piano tão bem! Que saco, agora ouço as conversas dos vizinhos no celular! Caramba, como tem cachorro nesse prédio! Que incrível, deve ter uma igreja aqui perto, tenho ouvido sinos! Não ouço mais os passos dos meus vizinhos, será que eles estão bem?*

Habitados que estamos a um mundo eminentemente imagético – mídias sociais, câmeras de monitoramento, técnicas de visualização cada vez mais sofisticadas, *selfies* – os sons passam a ganhar um protagonismo inusitado. Fomos nos dando conta de que nossa experiência subjetiva se faz também com os sons. Em outras palavras, percebemos que, na composição híbrida de nossas subjetividades, os sons têm agência.

Este artigo, escrito durante a quarentena da pandemia do COVID-19, apresenta e explora a experiência dos autores, vividas no contexto de isolamento social, produzida a partir de um mote disparador: prestarem especial atenção ao que ouviam e, na descrição do lugar que habitam, fizessem os sons comparecer em seus relatos. Performar essa escrita coletiva demandou uma conexão sem precedentes com diferentes dispositivos tecnológicos: computadores, celulares, plataformas para reuniões remotas, tais como *Zoom* e *Google Meets*, *e-mails*, aplicativo de mensagem *WhatsApp*, editores de texto *MSWord* e *GoogleDocs*, com seus inúmeros recursos de revisão e edição. Tais dispositivos figuraram nesse processo como mediadores, no sentido que lhes atribui Latour (2001; 2008a) de serem importantes agentes na composição do coletivo, na medida em que estabelecem associações, desviam nossas ações, resistem. Assim como Donna Haraway (in GANE; HARAWAY, 2009) assumimos nossa relacionalidade constitutiva com os não-viventes, com os não-humanos, em um processo capaz de criar mundo (*worlding*). Sustentamos que o texto que aqui propomos é fruto de tal processo. Assim, os relatos apresentados na terceira seção desse artigo configuram-se, assim como um mosaico híbrido, onde as experiências se singularizam, mas também se entrecruzam, revelando pontos comuns que retomaremos ao final. Um conjunto de relatos que confirma as palavras de Jacques Attali (1977 *apud* GIRAULT; GÓMEZ; LÓPEZ, 2010, p.15): “Mais do que ver ou ler, ouvimos o mundo”.

Compreendendo as sonoridades

Uma das primeiras teorizações acerca da importância dos sons nas ambiências foi feita por Murray Schafer, através do conceito de *paisagem sonora* (SCHAFFER, 1992/2011), proposto ao final dos anos sessenta para caracterizar o estudo do universo sonoro que nos rodeia. O termo original em inglês – *soundscape* – guarda uma analogia com o conceito de paisagem – *landscape* – tal como tratado nos campos do paisagismo e da geografia, uma espécie de pano de fundo, composto por diferentes sonoridades – sejam elas de origem natural, humana ou tecnológica – que confeririam algum sentido à nossa experiência (SCHAFFER, 1992/2011).

Na apresentação à primeira edição brasileira de *O Ouvido Pensante* (SCHAFFER, 1992/2011), Marisa Fonterrada escreve que o projeto de Schafer, denominado *The World Soundscape Project*, consistia em “um estudo multidisciplinar sobre o som ambiental, suas características e modificações sofridas no decorrer da história e sobre o significado e o simbolismo desses sons para as comunidades afetadas por eles” (*apud* SCHAFFER, 1992/2011, p. XIII). No seu entendimento, o mundo seria uma vasta composição macrocômica, composta pelos *músicos*, definidos por Schafer, como “qualquer um ou qualquer coisa que soe”. Nesse universo sonoro, há sons que não ouvimos mais, ou por terem desaparecido, ou por estarem tão naturalizados no nosso cotidiano que não nos damos conta deles. Passam então a fazer parte do pano de fundo que constitui o nosso cenário ambiental, o universo sonoro contemporâneo.

O campo de estudos da paisagem sonora, dada sua característica multidisciplinar, situa-se no cruzamento entre a ciência, os estudos sociais e as artes. A acústica e a psicoacústica¹⁰ nos ensinam sobre as propriedades físicas do som e a maneira como o som é interpretado pelos humanos. Com os estudos sociais, aprendemos como nós humanos nos comportamos em relação aos sons e como os sons afetam e mudam nosso comportamento. Das artes, particularmente da música, sabemos como produzimos paisagens sonoras ideais para essa outra vida, a vida da imaginação e a reflexão psíquica. A partir desses estudos, Schafer acreditava ser possível lançar as bases de uma nova interdisciplina - o *design acústico* ou a *ecologia acústica* (SCHAFFER, 1977).

Mesmo ciente das dificuldades de estabelecer com precisão o desenho de uma paisagem sonora – algo que, no seu entendimento, uma impressão fotográfica instantânea poderia oferecer aos estudos da paisagem (*landscape*) – Schafer sustentava que, com doses intensas de habilidade e paciência, seríamos capazes de chegar a uma imagem precisa. Isso dependeria de uma maior familiaridade com os *marcos sonoros* (*soundmarks*), análoga à que temos com os *marcos visuais* (*landmarks*). Nas suas palavras:

(...) embora todos tenham experiência em ler mapas e muitos possam extrair informações pelo menos significativas de outros esquemas da paisagem visual, como desenhos feitos por arquitetos ou mapas de contorno feitos por geógrafos, poucos conseguem ler os sofisticados gráficos usados por profissionais do campo da fonética, da acústica ou da música (SCHAFFER, 1977, p. 15).

Essa aproximação que Schafer buscou fazer com os estudos da geografia e também da arquitetura, produziu movimentos simétricos a partir desses campos. A arquitetura-urbanismo¹¹, em especial, incorpora muitas de suas contribuições, transformando os modos tradicionais de projetar. Como sustentam Emery e Rheingantz, na concepção das cidades, lugares e edifícios, o foco costuma estar na visão – aparência, volumetria, formas, texturas e cores. Preocupados em conceber belas paisagens visuais, arquitetos-urbanistas e construtores tendem a espalhar esculturas, pórticos, murais e jardins pelas cidades, lugares e edifícios sem levar em conta os efeitos sonoros que, inevitavelmente, se produzem no seu viver cotidiano (EMERY; RHEINGANTZ, 2001). Ao não explorarem conscientemente os efeitos da paisagem sonora na

¹⁰ Cf. Wikipedia, ramo da ciência que estuda as respostas psicológicas associadas ao som – incluindo ruído, fala e música – e a relação entre sensações auditivas, as características físicas e as características temporais do som.

¹¹ A dotamos a designação composta *arquitetura-urbanismo* (CASTELLO, 2007), mas com um propósito diferente: porque ela possibilita explorar a tensão central que elimina a distinção e a separação entre arquitetura e urbanismo. Implícita na designação default.

performance¹² das cidades, lugares e edifícios, quando o fazem, costumam limitar-se ao controle ou eliminação dos sons indesejáveis ou ruídos. Neste processo, muitos sons, que poderiam ser intencionalmente explorados, costumam ser desprezados ou excluídos, o que resulta em não atentar para a polifonia das paisagens sonoras em nosso viver cotidiano nas cidades.

No entanto, a despeito de ter chamado a atenção para a importância do som na composição de nossa paisagem ambiental, o entendimento de paisagem sonora tem sido problematizado por diversos pesquisadores. Um questionamento importante deriva justamente da analogia com a ideia de paisagem visual e, conseqüentemente, da concepção, que parece estar presente na obra de Schafer, de que haveria diferentes paisagens para cada canal sensorial. No dizer de alguns pesquisadores críticos a essa concepção, nossa experiência sensorial é eminentemente híbrida. Ela já vem carregada de uma mescla de sensores, como aponta Ingold (2011, p. 136): “Na prática perceptual comum, esses registros [visão, audição, tato, olfato, o que for] cooperam com tamanha proximidade, e com tanta sobreposição de funções, que é praticamente impossível desenredar suas respectivas contribuições”.

Assim, na descrição da *paisagem sonora*, muitas outras entidades também compareceriam e, desse modo, a dimensão sonora dos lugares se assemelharia menos a uma paisagem – no sentido que damos a uma pintura, por exemplo – e mais ao que é experimentado em um território, com sua fluidez, ritmo e sazonalidade.

Essas considerações vão ao encontro da ideia de uma *espacialidade sonora*¹³, na qual, além de não podermos dissociar as diferentes sensoriedades, não seria possível – sobretudo em nossos contextos urbanos contemporâneos – diferenciar sons naturais, humanos e tecnológicos, nem tampouco identificar com precisão o que seria som ou ruído, este último, no dizer de Schafer, dotado de certa irracionalidade. Além disso, há os que vêm no conceito de paisagem sonora um compromisso excessivo com a noção de espaço euclidiano, de espaço como fundo inerte onde o mundo e os fenômenos acontecem, desprovido de relações.

Essa questão é retomada por Souza (2016) ao discutir o conceito de paisagem, colocando-a nos seguintes termos: a paisagem é o mundo em que vivemos ou aquilo que contemplamos de fora? Contemplamos a paisagem ou estamos dentro dela? Ou ambos? Para proceder a essa discussão, o autor recorre à etimologia do termo e aos primórdios da geografia alemã, destacando o sentido abrangente e holístico do termo em sua acepção original, sentido esse que foi se perdendo ao longo do tempo, deixando apenas a associação a um conteúdo eminentemente visual e representacional.

No entanto, não há consenso se todos os desdobramentos da noção de paisagem sonora guardam esse compromisso. Sterne (2013), que faz uso do termo como um constructo, acentua sua relação com as práticas culturais singulares próprias de cada lugar. Vale notar que talvez essas considerações não estivessem ausentes das preocupações de Schafer, a despeito das limitações do conceito por ele proposto, na

¹² Tradução mais próxima de *enactment*, termo utilizado por Annemarie Mol (2008) para falar da realidade como múltipla e dependente de um conjunto de metáforas que, em lugar de perspectiva e construção, sugerem uma realidade que é feita e performada [*enacted*] e não tanto observada. Segundo Marcia Moraes e Ronald Arendt (2013), Mol utilizou o termo *enact* para afirmar que nenhum objeto existe sem estar articulado às práticas que o produzem e o fazem existir.

¹³ Segundo Law e Mol (2000), a noção de que além da espacialidade euclidiana ou cartesiana, existem múltiplas espacialidades coexistentes e auto-implicadas, amplifica e transforma o entendimento dos lugares e ambientes. A exemplo de Rodrigo Costa (2019), as espacialidades podem ser utilizadas como um recurso para acompanhar as múltiplas articulações da performance dos edifícios e lugares.

medida em que ele ressalta a dimensão ecológica dos estudos sonoros:

A ecologia é o estudo das relações entre os organismos vivos e o seu meio. A ecologia acústica é, portanto, o estudo dos sons na relação com a vida e a sociedade. E não podemos desenvolver esse estudo permanecendo nos laboratórios. Só conseguiremos realizá-lo apreendendo, no campo, os efeitos do ambiente acústico nas pessoas que nele vivem (SCHAFFER, 1977, p. 261).

Isso nos permite sustentar a heterogeneidade das *espacialidades sonoras* sobretudo na sua dimensão ontológica, no sentido de que nossos modos de existência se compõem com os sons e, inversamente, não há espacialidade sonora sem a experiência local e encarnada de quem habita um lugar. Contudo, não basta destacar a importância do som nos estudos urbanos, como mais uma *variável* a ser levada em conta nos projetos ou nas pesquisas. Faz-se necessário voltar nosso foco para as práticas sonoras, consideradas em sua ontologia heterogênea e em sua dimensão política, capazes de gerar diferentes espacialidades e coletividades (GIRALT, GÓMEZ; LÓPEZ, 2010). Nelas vemos, ao mesmo tempo, a composição de um habitat e de um habitante.

Outro ponto que nos faz problematizar o conceito de paisagem sonora, tal como proposto por Schafer, diz respeito à relação de exterioridade entre som e sujeito, que lhe parece inerente. Para alguns autores, como Westerkamp (2002), a *paisagem* se compõe no embate entre os materiais e a experiência do compositor/ouvinte, daí a ênfase da autora nos processos de escuta. De modo similar, Norman (1996) sustenta que a composição da paisagem sonora depende sobretudo da participação da nossa escuta, fazendo um convite para que cada um de nós se engaje de modo ativo e imaginativo com os sons.¹⁴ Assim, Norman localiza o ato de escutar e compor paisagens sonoras em um ponto em que “realidade e imaginação estão em contínua conversação um com o outro” (1996, p. 26). Para ouvir a música do mundo, é preciso invocar uma escuta imaginativa, que se deixa arrastar entre o que é “imanente no real” e o que é “imanente em nós mesmos” (NORMAN, 1996, p. 26).

É também a esse espaço interseccional que Souza (2016) se refere, recorrendo a Fernando Pessoa, para destacar que nossos sentidos são simultaneamente voltados para o interior e para o exterior, de tal modo que as paisagens tanto estão *lá fora* como estão *em nós*:

Assim, uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria, um dia de sol em nosso espírito (...). Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes (PESSOA, apud SOUZA, 2016, p. 62).

O autor conclui, então, que qualquer saber que queira dar conta de uma paisagem precisa de haver com a simultaneidade da paisagem interior e da paisagem exterior.

As reflexões de Souza, assim como as de Norman (1996), vão ao encontro daquelas de Feld, ao propor o campo da acustemologia (FELD, 2012; 1996; 2015), com o objetivo de investigar os saberes adquiridos ou como os saberes se tornam conhecidos, através do som e da escuta. Feld toma o som e a escuta como saberes em ação, saberes com e através do audível (FELD, 2015), incluindo a escuta que os sujeitos têm do lugar a partir de suas lembranças sonoras. O diferencial nessa proposta de uma *escuta relacional* é a ênfase em seu caráter ontológico e híbrido.

¹⁴ Esse entendimento se aproxima de uma pergunta de Louis Khan: um auditório é um Stradivarius ou um ouvido? (KAHN apud NORBERG-SCHUZ; DIGERUD, 1981, p.6)

Ou seja, sustenta que é preciso tomar a escuta como algo que se produz a partir de conexões, sendo que essas relações acontecem a partir de variadas fontes de ação, que podem ser humanas, não-humanas, orgânicas ou tecnológicas (ROCHA, 2017).

É possível perceber uma ressonância dessa proposição com as de Bruno Latour que, além de enfatizar a agência dos não humanos nos processos de produção de qualquer coletivo, sustenta que nossos corpos, e nós mesmos, somos *interfaces que aprendem* (LATOURE, 2008b). Nesse sentido, nossos corpos adquirem sensibilidade às sonoridades e compõem com elas os sentidos que conferimos aos lugares que habitamos. Também com essas sonoridades performamos nossos modos de habitar as cidades e nossas experiências de urbanidade-desurbanidade (RHEINGANTZ et al, 2019).¹⁵

Sons ao redor ...

... da Rua Gustavo Augusto de Resende, Ilha do Governador, Rio de Janeiro

Excluindo os três meses de moradia no Uruguai e os longos meses de férias da infância e adolescência, passados na casa de meu pai ou de minha avó materna, sempre habitei o mesmo lugar: o apartamento térreo de um grande condomínio de edifício de três andares, localizado em uma rua sem saída – Rua Gustavo Augusto de Resende – e a Escola Municipal Gurgel do Amaral, onde cursei o ensino fundamental. Localizada no bairro da Portuguesa, próximo do Aeroporto Internacional do Galeão (Tom Jobim), entre as duas principais vias de acesso à Ilha do Governador, a Estrada do Galeão e a Estrada Governador Chagas Freitas – mais conhecida como Estrada das Canárias – e próxima a uma zona de intenso comércio.

Mesmo sendo uma rua sem saída, sempre teve certo movimento e ruído vindos da escola – que antigamente funcionava nos três turnos, mas que há algum tempo funciona apenas pela manhã –, da buzina do moço do pão, dos carros do ovo e da pamonha, que sempre permaneceram longo tempo parados por aqui, e do Pelé, morador da região que passa dia e noite falando alto pela rua. Ruídos intensos durante o dia, mas ausentes de noite, não fosse um fenômeno recente de circulação de motos muito barulhentas, que passaram a acessar a rua, para cortar caminho por uma calçada e passarela localizadas em seu final e acessar outra rua do bairro. Para dar uma ideia do ruído produzido por essas motos, foi necessário interromper a participação em diversas supervisões online durante suas passagens, que à noite quebram o silêncio nos fazendo acordar do sono profundo. Além das motos, ultimamente um quiosque existente há muitos anos localizado no final da rua, aos sábados tem promovido eventos com música ao vivo e nas segundas-feiras, reuniões de pessoas que vem e vão em carros também muito barulhentos.

Para além do movimento da rua, habitando o térreo ao lado da portaria do edifício, sempre ouvi os sons das conversas dos outros moradores, seja nos encontros na portaria seja nas confraternizações na frente do edifício. Também ouvia os funcionários do condomínio ao varrer, aparar a grama, limpar o edifício, passar com o carrinho do lixo, etc. Misturados aos sons dos sempre muito presentes passarinhos, cujos cantos me despertam às seis da manhã. A proximidade com o aeroporto também contribui com frequência com o som dos aviões, que interrompe a fala da personagem no

¹⁵ Designação composta que, a exemplo da tensão central a ser explorada na arquitetura-urbanismo, entende que *urbanidades* (no plural) são qualidades não preexistentes nos lugares, ruas, edifícios, etc., que *emergem* de múltiplos processos de associações produzidas pela justaposição de materiais ou eventos heterogêneos, cuja tensão oscila continuamente entre os opostos *urbanidade-desurbanidade*. As relações performadas em um mesmo lugar podem ser de urbanidade para uins e Desurbanidade para outros e ao mesmo tempo.

momento crucial de uma novela ou filme, a notícia de última hora e as conversas telefônicas.

Sons de crianças, de motos, de carros, do Pelé, de festa, de moradores, de funcionários, de passarinhos, sons da terra e do céu. Uma paisagem sonora que mudou com a chegada da pandemia do COVID-19. Tirando o ruído incessante das motos, que diminuiu apenas na primeira semana de quarentena, mas que parece ter ficado ainda mais intenso, provavelmente devido ao aumento dos pedidos de *delivery*; do carro do ovo, da buzina do moço do pão diariamente por volta das 16hs e de outros vendedores autônomos – um rapaz vendendo pão e um carro de legume; sem falar da nova parceria de Pelé uma criança que, de sua janela, repete tudo o que ele fala – um certo silêncio passou a pairar no lugar que habito. Com a escola fechada, não se ouve mais o som das crianças; do quiosque no final da rua já não se ouve mais ruído. As agora raras conversas na frente da portaria, que causam certo estranhamento, foram substituídas por conversas de janela que já existia antes, mas que se tornaram mais frequentes. O cachorro do edifício da frente, que latia com o movimento da rua, já não late tanto, a não ser quando deixado sozinho – mas nessas ocasiões são os uivos e não os latidos, que quebram o silêncio da noite. Até os funcionários do condomínio desapareceram por um tempo. Estranhamente, não se ouve mais o som dos pássaros menores e dos pombos que por aqui viviam – provavelmente porque os vizinhos pararam de alimentá-los – agora substituídos pelo som das Maritacas que sobrevoam a rua com alguma frequência. E o ruído dos aviões? Se no início da pandemia não os ouvia mais, fiquei um pouco mais atenta e percebi que as decolagens recomeçaram inicialmente concentradas nas manhãs e no início das tardes e, mais recentemente, também à noite. Inclusive eles devem ter mudado de rota, pois a sonoridade sugere que eles estão voando mais baixo.

Além da mudança nos sons ao redor do apartamento, minha atitude em relação aos sons vindos da rua também mudou. Em três ocasiões fui até a janela para ver de onde provinha aquele som que escutava. Na primeira, o som de uma festa de aniversário que vindo da escola me levou a questionar se as pessoas estariam levando a pandemia a sério. Na segunda ocasião, foi o som de um skate rolando e batendo no asfalto que me chamou a atenção. Ao chegar à janela vi um solitário adolescente indo e vindo em seu skate, vibrando a cada manobra bem-sucedida. Na terceira ocasião, fui atraída pelo barulho produzido por rapazes conversando alto. Ao chegar à janela, fiquei indignada ao vê-los passar sem máscaras e próximos uns dos outros. Minha vontade foi gritar *vai pra casa!*

A janela em que, durante a adolescência – quando não existiam smartphones – costumava ficar atraída pelos sons ou pela necessidade de olhar para o céu, para as árvores e para o movimento, voltou a fazer parte do meu cotidiano. Foi por ela que percebi os efeitos da pandemia no meu olhar policialesco observando se as pessoas estão ou não utilizando máscaras, se estão conversando muito próximas umas das outras ou se estão em grupo. Mas essa janela também passou a ser o termômetro para avaliar se as pessoas estão levando a sério a pandemia e observar as suas posturas: se passam de cabeça baixa, caladas, com que feição.

E entre sons e silêncios, os painelaços que se multiplicam no Rio de Janeiro e em outros estados, não são ouvidos por aqui. Apenas em uma ocasião, da qual participei, ouvi painelas, gritos ao longe e o grito – *Fora Bolsonaro!* de um vizinho próximo – deu alguma esperança. Mas essa ocasião foi única, em meio a um silencioso vazio que não sei se por concordância ou por desinteresse pela política.

Vale destacar que, ao escrever esse texto, minha atenção aos sons da rua ficou mais intensa – passei a atentar para os sons dos aviões, que pensava não ouvir

mais, a mudança nos sons dos pássaros que habitam a região e nos sons que não ouço mais – e, igualmente, passei a perceber o fluxo desses sons, que engessados nesse texto, continuam em sua fluidez constante ao longo dos dias, variando em suas intensidades.

...da , Rua Ibituruna – Maracanã, Rio de Janeiro

A rua que habito é bastante movimentada, seja por veículos ou por pedestres, por ser o primeiro acesso à Avenida Maracanã, importante via que percorre todos os bairros da Grande Tijuca. Com isso o fluxo de carros e ônibus é intenso durante boa parte do dia, especialmente no final da tarde e início da noite, quando as pessoas voltam do trabalho para casa. O fluxo de pedestres se explica devido à quantidade de instituições de ensino e empresas nas imediações. Em seus cerca de 200m a rua abriga seis instituições de ensino – uma creche, três instituições privadas de ensino, uma Universidade privada e uma Instituição pública de ensino técnico e Superior – e uma instituição de caridade que acolhe os filhos dos trabalhadores ao seu redor. A rua também está próxima das estações do Metrô e do trem de São Cristóvão.

A presença de diferentes tipos de escolas produz movimentos diversificados conforme natureza de cada instituição. Ao meio dia, por exemplo, o intenso movimento de carros bloqueia a rua e sua espacialidade sonora é preenchida pelos sons da multidão e das buzinas. É nesse horário que as escolas liberam os alunos do primeiro turno e acolhem os do turno seguinte. Nas imediações dos acessos das instituições privadas, a fila de carros e impede o fluxo da rua e resulta em engarrafamentos e buzinações.

Durante a noite os fluxos são outros. Nas imediações das instituições de ensino superior, especialmente no final da rua, concentram-se bares e camelôs vendendo churrasco, de alta procura no início da noite, quando os alunos começam a chegar. A procura se estende até as 23hs: risadas, música alta, pessoas bebendo e dançando. O único diferencial é na sexta feira, quando o volume de camelôs e o das músicas aumenta; depois da meia noite é possível ouvir as pessoas dançando na rua. Outras noites atípicas são as quartas e quintas feiras com jogos no Maracanã, quando o fluxo de carros aumenta, e, conforme o time e o resultado, a festa nos bares se estende até o início da madrugada. Mas a dinâmica muda completamente nos finais de semana, quando a rua fica silenciosa. Como grande parte das instituições da rua estão paradas por conta da pandemia, o movimento praticamente cessou e todos os dias parecem sábado ou domingo.

Por ser músico e habitar um lugar cuja paisagem sonora antes povoada por sons sobrepostos entre carros, vozes e músicas, o silêncio de agora se torna mais proeminente e os pequenos sons se destacam. Provavelmente sons que sempre estiveram presentes.

Com a quarentena também percebo outros atores: às 18hs, ouço os sinos da basílica Santa Teresinha do Menino Jesus tocar. Até então nunca os tinha percebido. Não são mais os sons das ruas que me dizem se chegou a sexta feira. Mas ainda tenho dificuldades para perceber a diferença de uma sexta e um sábado. Os saguis que sempre eram vistos pelos fios da rua, agora são ouvidos em alto e bom som, assim como algumas aves, especialmente os maracanãs, que dão nome ao bairro, e que todos finais de tarde pousam no telhado de minha moradia e preenchem a espacialidade sonora.

... do setor norte da Rua Dona Delfina – Tijuca, Rio de Janeiro

Poucas semanas desde a mudança. Um dos pontos fortes da nova casa é a rua, quase exclusivamente residencial, que deveria ser silenciosa. A pandemia foi notificada ao fim do primeiro mês de vida na casa nova. Muitos quadros para pendurar na parede e muitos acertos por fazer. Aparentemente ter mais tempo aqui seria positivo. Desde a mudança, poucos foram os dias que fiquei em casa – penso nisso como uma tentativa de tirar algo de bom para não sucumbir à tristeza do momento atual. A Tijuca é um bairro conhecido pelo clima residencial.

A casa fica próxima de uma estação de metrô e das principais vias do bairro – Av. Maracanã, Rua Uruguai e Conde de Bonfim. A rua é curta – tem pouco mais de 500m – e cortada pela Avenida Maracanã: de um lado, existe uma Dona Delfina; do outro, a vida é bem diferente. Morar no setor Norte, ao lado de um supermercado é uma experiência animada, não apenas pela possibilidade de comprar comida sem muito esforço, mas também pela movimentação constante de entrada e saída de pessoas e veículos. Em muitos momentos, pensava que minha experiência de quarentena não era exatamente a de uma rua tranquila, como as de outros relatos, justamente porque um dos poucos espaços públicos onde ainda é permitido (e preciso) circular faz divisa com minha casa.

Passados mais de 70 dias do começo do isolamento, posso dizer que a pandemia me fez descobrir minha casa. Digo isso porque o resultado da equação envolvendo *muito tempo em casa e muitas coisas para fazer nesse tempo* não fecha muito bem a conta. Trabalhar em regime de *home office* e ser aluno de pós-graduação faz com que eu passe a maior parte do meu tempo na frente de um computador ou usando meu telefone. Ou seja: todos os sonhos para uma quarentena não exatamente se efetivaram porque o trabalho e a rotina de estudos, de certa forma, se impôs. Mesmo sozinho, muita coisa se faz presente nessa casa. Com esse relato, gostaria de elucidar melhor essa solidão que não possibilita estar tão só pois a todo momento ela é atordoada pelos vizinhos, pelas pessoas que passam pela rua, pelas folhas que caem no quintal, pelos carros e caminhões que insistem em seguir nas ruas, pelo telefone que toca, pelos portões das casas e latidos de cachorros. Como descobri nos últimos dias, a proximidade com o supermercado inclui a rua na rota dos caminhões de carga e descarga. Além disso, por ser a rota de desvio e retorno para milhares de motoristas todos os dias, a metade norte da rua tem intenso movimento. Mas como isso ocorre apenas nessa metade da rua, quem mora ou frequenta a metade Sul da rua – antes da Avenida e do supermercado – e tenha uma experiência radicalmente diferente daqueles que, como eu, vivem na outra metade.

Mas em função da quarentena, sustentar o barulho sem ter a opção de utilizar outros espaços que não os da minha própria casa, tem sido um interessante exercício de entender como, em meio a uma reclusão forçada, é possível encontrar em nossas casas um ambiente de conforto, ainda que a análise contínua desse ambiente desmonte muitos dos ideais de calma e paz que costumam ser atribuídos ao lar. E a mesma observação nos faz lembrar que nem sempre o lugar que habitamos reúne as condições adequadas para estudo e trabalho remoto. No meu caso, acho que consegui compor boas sinfonias. Mas isso nem sempre é possível. Sim, minha casa tem momentos de barulho e não tenho controle de todos eles. Ainda que me desconcertem ou não performem minha sinfonia preferida, é bom entender o que posso e o que não posso compor com eles. Existem brechas a serem exploradas, horários mais calmos ou ambientes menos conturbados na minha casa? Ouvir uma música em um volume mais alto do que o da espacialidade sonora da rua resolve o problema? Como a primeira reação aos sons foi de irritação, acreditava que não seria possível pactuar. E foi então que me veio uma ideia... ao invés de fugir desses sons,

porque não tentar conversar com eles?

Primeira tentativa: #ForaBolsonaro! Era um dia cansativo. O começo do isolamento social foi muito difícil para aqueles cujo dia-a-dia demandava muito contato social. As *lives* e chamadas de vídeo não eram suficientes. Ainda que a cultura – em sua dimensão virtual – tenha ajudado a enfrentar os primeiros dias, assistir os shows não bastava porque a experiência de assistir um show presencial inclui o contato e a conexão que se estabelecem entre artista, público, música, ambiente, suor, enfim. Precisava muito conectar com alguém, numa dimensão mais responsiva do contato. Lembrei muito do show do Queen no *Live AID* no qual Freddie Mercury compõe maravilhosamente todo o show com o público, especialmente em *We will rock you*. Mesmo não sendo Freddie, queria poder falar algo a alguém e sentir o calor da resposta. Eis que um convite peculiar, recebido nas redes sociais, pareceu ser interessante. Foi em abril, depois de uma das tantas sandices que Bolsonaro pai falou ou fez. Surgem convites para começamos a bater panela contra o presidente em determinado horário. Acanhado por morar em um bairro que não é exatamente progressista, posicionado na varanda com uma panela e uma colher de pau nas mãos, começamos a panelaço. A sinfonia estridente e pouco harmoniosa, entre batidas de panelas e gritos dos manifestantes, era muito do que precisava. O barulho, que perturbava qualquer ordem e possibilidade de assistir televisão, dormir ou conversar, era uma sinfonia gostosa, a prova que ainda existia contato e presença mesmo com a distância. Por vários dias, a indignação que habita em mim durante a quarentena ecoou nas panelas e sons de indignação de outros desconhecidos. A sensação calma que se produziu em mim foi muito bonita.

Segunda tentativa: Sandy e Junior. Aos poucos, as mobilizações a favor de Bolsonaro foram perdendo força, assim como a expectativa pelo panelaço no final do dia. Com isso foi necessário buscar contato com outros atores. Da varanda de casa, tentei acompanhar os poucos que ainda caminhavam pelas ruas com seus cachorros, sacolas de compras ou em corridas ... mas não tive muito sucesso. Enquanto isso o incomodo com o barulho dos carros foi aumentando na medida em que me dava conta de sua frequência e das diferentes formas de barulhos que podiam produzir. O barulho de um freio, de um carro pequeno, de um caminhão ou moto, de uma curva e das buzinas... Todos igualmente insuportáveis. Diante da impossibilidade de compor com eles, decidi que durante o dia – período de maior circulação – não seria confortável trabalhar com questões que demandassem maior atenção – ou seja, estudar, ler os relatórios do trabalho... Então decidi acordar mais cedo do que o normal ou dormir um pouco mais tarde, aproveitando o silêncio da madrugada, para dar conta das questões que demandavam mais atenção.

Em um dos dias que acordei mais cedo, no edifício do outro lado da rua ouvi uns sons. Fui até o portão para conferir e entender o que estava acontecendo. Parecia alguém cantando: logo notei que era uma criança e seus responsáveis. E compreendi que alguém cantava a música *A lenda*, bem antiga, de Sandy e Junior. Desde então ouvir a vizinha do prédio da frente cantar algum clássico de Sandy e Junior, tem sido uma companhia boa para o meu café da manhã. Será que ela e sua família estão bem? Tomara que a cantoria siga.

Terceira tentativa: exercícios e cuidados da casa // compondo entre as folhas, a calma e o medo. Diante da impossibilidade de trabalhar entre as 10hs e as 16hs, devido ao barulho dos caminhões, decidi utilizar esse período para cuidar da casa, e cuidar de mim – dormir, ler livros sem compromissos e ver séries na televisão. Percebi que, mesmo nos momentos de caos, tem muita coisa bonita, que dá conforto. O som do vento pelas árvores que volta e meia dá pra ouvir. O barulho das folhas caindo no quintal. As cortinas da casa voando com as ventanias. A chuva que cai as vezes,

contrariando a previsão de sol. Na minha casa antiga, tinham muitos cachorros latindo pela vizinhança. Aqui ainda não ouvi um latido de cachorro. Será que os cachorros daqui foram ensinados a não latir? Além da minha vizinha que canta todo dia de manhã, não tenho ouvido muito as vozes de outras pessoas. Se não fossem os áudios no *WhatsApp*, possivelmente ficaria o dia todo sem ouvir a voz de outra pessoa. Na antiga casa, era comum ouvir não só o falatório das pessoas que moravam comigo como dos vizinhos, das pessoas na rua, a gritaria sem fim. Sabe quando dá saudade de ouvir alguma coisa? E pensar nisso quase fez presente os latidos e falatórios. E de repente, eu já nem ouvia mais os carros da rua me incomodando.

Quarta tentativa: anunciação e as chuvas (melhores tempos virão). Essa tem sido a tentativa mais gostosa. Em algum momento do dia, que ainda não entendi qual, outro vizinho ensaia na flauta a música *Anunciação*, do Alceu Valença. Alceu não só é um dos meus cantores mais queridos, como é um desses que canta a esperança de que o melhor ainda está por vir. Que venha. Hoje, enquanto escrevia esse texto e ouvia o vizinho tocar *Anunciação*, começamos uma ventania muito forte. Corri para tirar as roupas da corda e fechar as janelas. Parecia o mais perto que eu imagino que é um vendaval. Folhas entraram na casa. O barulho do vento era assustador. Dele, saiu a maior chuva dos últimos meses. É aterrorizante pensar em tanta coisa que essa chuva pode molhar aí fora. É paralisante olhar para a chuva e ouvir a chuva e sentir a chuva e cheirar a chuva pensando se tem mais gente aproveitando dos céus para se sentir tocado por alguma coisa. Fecho os olhos daqui. Minhas tentativas de composição com os sons do mundo não foram evolutivas. Com exceção da primeira – por ora suspensa – as outras três se sobrepõem, imbricadas que estão nessa loucura que tem marcado a pandemia. Em diferentes momentos, uma experiência tem dado espaço a outra e as melodias são muito especiais. Diria, inclusive, que elas dão algum sentido ao tempo de isolamento, na crença de que há modos de compor com o outro no meio dessa confusão que a gente vive.

... do setor sul da Rua Dona Delfina – Tijuca, Rio de Janeiro

No instante que o corretor de imóveis abriu a porta, morar aqui me pareceu perfeito: edifício pequeno com poucos apartamentos por andar em uma rua estritamente residencial, muito arborizada e com fluxo de carros pra lá de tranquilo. Próximo de supermercados e agências bancárias, há poucos passos da estação de metrô, do ponto de táxi e da rua principal do bairro por onde circulam ônibus para toda parte.

A rua em si não é muito grande. Até hoje, se não disser que moro perto de uma das saídas do metro, aquela que tem uma lanchonete 24hs na esquina e que fica entre a principal rua e a principal avenida do bairro, muita gente não sabe me visitar só pelo nome da rua. Até porque depois dessa tal avenida de que falei, a rua continua com o mesmo nome e se não explicar bem explicadinho, periga o GPS do motorista levar para o trecho do lado de lá. Talvez seja por isso que não passam tantos carros aqui na porta – provavelmente todos perdidos na outra parte da rua. Nessa parte de cá, fora o chaveiro, uma loja de vinhos e um salão de beleza que raramente vejo aberto, só há edifícios residenciais e a maior parte das pessoas que caminham por aqui, moram por aqui mesmo. Vindo de outros lugares, as pessoas preferem as entradas de metrô mais próximas de pontos de ônibus. Para chegar ao supermercado que fica na outra parte da rua, depois da avenida, faz mais sentido entrar pela porta principal que é acessada em outra rua. De carro, não é necessário passar aqui para cruzar o bairro pra qualquer sentido da cidade. E a pé, bem, acho que já deu pra entender... Tanto é que a tal loja que hoje vende vinhos vive fechando e reabrindo. Pelo que soube já foi champanheria, temakeria e outros *ias*, mas é difícil atrair a clientela quando tão pouca gente transita por aqui.

No dia que peguei as chaves, tive a certeza de ter um verdadeiro achado em minhas mãos: uma ilha de calmaria no mar revolto que uma cidade como o Rio de Janeiro às vezes parece. Quando minha família veio conhecer, perguntaram sobre os vizinhos e eu não tinha nada a dizer. Dificilmente encontrava alguém na portaria ou no elevador e, sinceramente, na maior parte do tempo eu nem lembrava que eles existiam.

Com a porta fechada, muito raramente ouvia uma furadeira incômoda no sábado de manhã. Não tinha som alto e nem gritaria! Muito raro um cachorro latindo. Meus vizinhos sempre pareceram os mais silenciosos que se poderia ter. Até que veio a pandemia!

Um dos motivos da rua ser tão pacata é que esse bairro, especialmente no trecho em que moro, é bem tradicional. Velho, por assim dizer. O bairro em si e também seus moradores. Meu edifício é um exemplo bem característico disso e como já ultrapassei a casa dos 30, sou a mascote daqui. Ou um broto, como a senhorinha que mora no apartamento logo abaixo do meu às vezes me chama.

De uma hora pra outra, meus vizinhos silenciosos ganharam um alvo em seus sistemas respiratórios. Em todos os apartamentos há pelo menos uma e muitas vezes mais de uma pessoa no que se tem chamado *grupo de risco*. Na TV, uma doença que só mata idosos – o que já foi desmentido, mas segue sendo repetido e repassado pelas redes sociais. Na portaria não há mais nenhum vizinho. No elevador, apenas um aviso das novas rotinas que o zelador passaria a adotar. Recomendações de cuidado, álcool e desinfetante e um pedido para que todos fiquem em casa. Um edifício de risco. E o que antes parecia silêncio se calou ainda mais.

Apesar de estar trabalhando remotamente, mantive o alarme do despertador programado, numa tentativa de manter a rotina. Mas nem precisaria, de manhã bem cedinho, começo a ouvir os passarinhos cantando – são muitos e com cantos diferentes. Tem bem-te-vi, tem maritaca e mais um monte de canto e contracanto que não sei identificar. Eles sempre estiveram aqui por perto ou eu nunca os ouvi? Os pássaros chegam junto com a luz. Como sempre, levanto e esquento a água pra passar um café. Mas diferente de antes, não vou sair. Sento em frente à janela da sala por onde entra o sol a essa hora. Em outros tempos escutaria um burburinho, algumas portas e o elevador subindo e descendo com quem costuma sair para o trabalho nesse horário. Mas agora só escuto os passarinhos nas árvores e a água fervendo.

Com a porta aberta, não se ouve nem furadeira, nem música, nem cachorro, apenas o som distante da sirene de uma viatura da polícia militar que repetia sem parar em seu alto-falante: *Por favor, para sua segurança, de seus vizinhos, amigos e familiares, volte para casa. O momento é de conscientização. Faça sua parte e ajude a prevenir e controlar o COVID-19.*

Ouçõ a sirene e o badalar do sino da igreja às 11hs55 e às 17hs55. Não sei como até hoje não havia reparado isso! Não que não o tenha escutado – a igreja fica muito perto, a menos de uma quadra daqui. Lembro de uma vez ou outra ter ouvido, mas acredito o que não tocava todo dia e em horários aleatórios. Ou não ouvia todo dia ou quando ouvia não sabia que horas seriam. Mas agora, sei que religiosamente – com o perdão da piada – começo a preparar o almoço no primeiro sino e, quando ouço o segundo, começo a pensar no que iremos jantar.

Como tenho saído de casa apenas quando estritamente necessário, um dia desses, em vez de colocar na lixeira do andar, desci quatro lances de escada para levar pessoalmente o material reciclável para o espaço de coleta, que fica no térreo. Com

o aumento no consumo de *delivery* e de compras pela Internet, a lixeira do andar não daria conta da quantidade de caixas e embalagens. Mas, o que realmente queria era esticar as pernas, sentir um pouco de sol e, com sorte, ver alguém, mesmo que de longe, só para ter certeza de que o edifício não estava vazio. Nessa grande jornada até a lixeira, encontrei o zelador de máscaras e luvas, repondo uma mistura com água sanitária pra higienizar o elevador. Quando me viu, como quem está preparado para responder a qualquer emergência, perguntou se estava me sentindo bem. Ao perceber que era apenas o lixo, se apressou em dizer que poderia deixar junto da lixeira do andar, pois mais tarde passaria para recolher. *Então aproveite pra ver, ou melhor, ouvir se está tudo bem.*

Na volta para o apartamento, utilizei a escada. Nos andares, nenhum grande falatório ou badalação. No primeiro andar, só o suave tilintar metálico semelhante ao de alguém batendo com a colher na borda de uma panela. No segundo andar alguém estava ouvindo axé dos anos 1990. Tenho quase certeza de ouvir uma bateadeira enquanto passava pelo terceiro andar – pouco depois o aroma doce de bolo quente subiu pela janela. Gostei da sugestão e também assei um bolo.

E foi assim que, sem querer, instaurei uma competição silenciosa com a vizinha do apartamento da frente. Fiz bolo, ela respondeu com pão. Então fui obrigada a retaliar com legumes assados com bastante alecrim. Ontem, por volta das 23hs, ela fez um feijão muito cheiroso. Uma covardia. Mas tudo bem, ela que se prepare para hoje, pois já coloquei os grãos de molho.

... da Rua Almeida Godinho – Lagoa, Rio de Janeiro

Moro na Rua Almeida Godinho, uma rua sem saída com aproximadamente 200 metros de extensão, transversal à rua Fonte da Saudade, na Lagoa, Rio de Janeiro. Trata-se de uma rua bastante tranquila e silenciosa, que desemboca na Avenida Epitácio Pessoa, movimentada via de ligação entre a Zona Norte e a Z Sul que desemboca no Túnel Rebouças). Antes da pandemia do COVID-19 o ruído dos ônibus e veículos que circulam pela Avenida Epitácio Pessoa era tão intenso – especialmente no horário do rush – podia ser ouvido no meu apartamento. Moro no terceiro andar de um edifício de 10 pavimentos de sete apartamentos com varanda cada, cercado por edifícios novos com coberturas e edifícios antigos. A vista, arborizada, dá para o Corcovado.

Por ser uma rua pequena, antes do isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19 a paisagem sonora da rua Almeida Godinho era habitada por sons característicos, notadamente em certos horários. Pela manhã e pela tarde, tínhamos o canto dos pássaros, por volta de 7hs da manhã e no horário de almoço, os ônibus escolares; por volta de 8hs, o ruído de caminhão de coleta de lixo. Uma a duas vezes por semana, o vendedor de vassouras passava gritando *vassoureiro!* Eventualmente, a paisagem sonora era enriquecida pelo ruído das obras nos apartamentos no entorno. A rua abriga dois edifícios pequenos com coberturas que, quando em obras, fazem uso de máquinas ruidosas, como a serra de mármore e cerâmica e outras utilizadas para fazer pequenos para consertos nas áreas externas; outros quatro edifícios antigos de dois andares que, além do meu, demandam reparos ocasionais. Devido às suas peculiaridades, a rua reverbera os sons com muita facilidade.

Até meados de março, esses sons ouvidos na rua compunha a paisagem sonora do meu habitat. Com o início da pandemia e o isolamento social recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), a espacialidade sonora da vizinhança mudou.

Já não ouço mais o canto dos pássaros, os ônibus escolares e as obras; agora ouço as vozes de outros moradores.

Antes da pandemia, durante a semana, pela manhã e pela noite, o *toc, toc, toc* cadenciado do sapato de salto alto utilizado pela vizinha do andar de cima ruído nos avisando quando ela entrava ou saía de sua casa. Nos finais de semana, ouvia o som das frequentes festas na varanda promovidas pelo vizinho do andar de baixo, com música alta e vozes de pessoas conversando até a madrugada.

Com a quarentena e o isolamento, a vizinha do apartamento de cima, impedida de sair, parece ter abandonado os sapatos de salto, substituído por chinelos; as festas no vizinho do andar de baixo também não tem acontecido. Hoje, a espacialidade sonora da rua é outra, exceção feita ao vassoureiro, que passou a visitar a rua com maior frequência, mantendo sua comunicação habitual que ecoa pela rua e pela vizinhança: *vassoureiro, vassoureiro!*

Agora o que mais se ouve são as vozes dos vizinhos na varanda e de crianças brincando. As varandas dos apartamentos passaram a ser mais frequentadas por pessoas que, curiosamente conversam mais ao telefone do que pessoalmente. Também se ouve música, aulas de ginástica, pessoas pulando corda, além do alvoroço das crianças brincando no playground. À voz da vizinha do quarto andar, que utiliza a varanda para durante suas *happy hours* remotas, utiliza o viva voz do seu celular para falar em alto e bom som em suas frequentes reuniões virtuais com amigos; ou a voz do *personal trainer* nas seções virtuais de ginástica; ou o latido do cão do vizinho do segundo andar. Sem falar no som dos panelaços que acontecem diariamente às 20:30 horas, ou a cada vez que o Presidente Bolsonaro aparece na TV. Se em muitos momentos ouvimos o silêncio, o panelaço nos resgata o sentimento de grupo e a força do coletivo.

Mas o som que mais chama minha atenção é o das crianças que, em vez de passarem o dia nas escolas ou em atividades extracurriculares antes da pandemia, agora podem ser ouvidas no playground do edifício. O mais curioso é ver os pais brincando com seus filhos. Na cobertura do edifício em frente há três crianças de faixa etária em torno de sete anos, que antes, não tinha percebido, brincando de cabana com seus pais, jogando bola e andado de patinete. Mais recentemente, passei a ouvir o som de instrumentos musicais como o da flauta tocada por algum vizinho ou das minhas tentativas de aprender violão.

Entretanto, já não ouço mais o canto dos pássaros, não sei se pelo ruído das vozes da vizinhança ou também pela mudança na rotina dos meus horários. Curiosamente, enquanto redigia esse texto, ouvi pássaros cantando às 12:30 horas, um horário bem diferente daquele que costumava ouvi-los em geral por volta das cinco horas da manhã ou nos finais de tarde.

Fiquei me perguntando se o canto dos pássaros continuaria fazendo parte da paisagem sonora desse novo modo de habitar ou se, talvez, enquanto estou limpando a casa ou durante as aulas de vídeo que ministro na universidade – duas novas rotinas incorporadas ao dia-a-dia familiar – não os ouço devido à interferência das muitas vozes da vizinhança, do noticiário frequente da TV, do som de música em alto volume; ou durante as *lives* que ginástica passei a fazer. Provavelmente o canto dos pássaros está sendo abafado pela lista de afazeres domésticos incorporados às nossas rotinas de trabalho ou, mais do que isso, aos nossos modos de existência ampliados com os cuidados inerentes ao processo de higienização e compra de produtos via internet, em nossa quarentena, praticamente em *lockdown* desde 17/03/2020.

... da Rua Canúto – Mesquita, Rio de Janeiro

Localizada em Mesquita, na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, a Rua Canúto é formada por casas de, no máximo, dois andares. Por ela passam poucos carros e motos, de modo que o clima apressado dos grandes centros, marcado pelos sons do trânsito, parece estar bem longe daqui. Pouco arborizada, a maioria das árvores está localizada nos pátios das casas.

Com apenas três quarteirões, a rua Canúto é cortada por duas ruas: a Rua Guido, que a divide ao meio, configurando dois grandes quarteirões ou conjuntos de casas, e a Rua Albérico Gomes Pereira, que corta a extremidade sudoeste da rua, delimitando um terceiro e menor quarteirão ou conjunto de casas. A vivência cotidiana nesse terceiro quarteirão é praticamente isolada dos outros dois quarteirões, apesar da continuidade material e visual. Tanto que, exceto os carteiros, ninguém o considera pertencente à rua. Moro no bloco intermediário, ponto de encontro da rua, tanto para *Os Rua Canúto*, quanto para os *Nem Tão Rua Canúto Assim*, como os mais velhos costumam dizer.

A rua abriga diferentes gerações de moradores que se relacionam com uma incrível fluidez. Como uma família que se reúne aos fins de semana para festejar, os mais novos ouvem as histórias dos mais velhos – mesmo que pela centésima vez – enquanto os mais velhos aprendem um truque novo no celular com os mais novos. Isso tudo, é claro, com muita música alta, vozes altas, alegrias altas e confusões de mesmo ou maior tamanho.

Aqui, como já dito, as pessoas moram em casas, o que faz com que todos saibam um pouco sobre a vida de todos. O encontro é feito na rua, nos portões – que funcionam mais como ponto de encontro do que como barreiras de isolamento. Os limites são turvos. O que está em jogo é o transbordar. Parece que tudo por aqui baseia-se no mais, não no menos. Sair pela rua com fones de ouvido sem cumprimentar os vizinhos que estão na rua? Nem pensar! A saudação ao vizinho é necessária, do mesmo modo que o pedido de benção à vó é necessário – seja lá qual for tua religião.

A Rua Canúto tem essa configuração de família expandida do subúrbio. Entretanto, a exemplo das famílias, a rua vem passando por um processo de esvaziamento e silenciamento, nos últimos anos. Seja pela falta de segurança, seja pelo maior acesso às tecnologias como a internet, o computador e o celular, ou ainda pelo modo corrido de organização da vida que está cada vez mais presente em nossas vidas, o fato é que os moradores vivem cada vez mais dentro de suas casas. O ruído de bola batendo no portão de algum morador é cada vez mais difícil de ouvir – assim como os berros que o vizinho, dono do portão, dava a cada estrondo da bola. Os dos moradores toda vez que venciam uma batalha de pipas contra os moradores das outras ruas também são cada vez mais difíceis de ouvir. Gritos altos o suficiente para que os moradores das outras ruas soubessem que na região não há melhor rua na disputa de pipas.

O que parece ter aumentado é a proliferação de equipamentos de som pelos vizinhos. A potência e a variedade musical da rua foram sendo atualizadas com o passar dos anos. Hoje, inclusive, é possível ouvir propagandas do *YouTube* no meio de festas na rua, pois a plataforma virou uma ferramenta tremendamente acessível; basta um celular com acesso à internet e uma caixa de som com função *Bluetooth* para garantir a música gratuita da festa. O inconveniente, em troca de conteúdo gratuito, são as propagandas do *YouTube* entre as músicas que, por vezes, quebram o clima da festa.

Mas tudo mudou quando o Governo do Estado do Rio de Janeiro promoveu a medida

de isolamento social por conta da pandemia do COVID-19. Na verdade, nem tudo. Isso porque não houve uma transformação clara, linear e definitiva dos modos de existência da Rua Canúto: a todo momento a rua tem uma configuração diferente, que se altera a cada discurso político na TV, a cada mensagem de conteúdo duvidoso sobre o vírus que chega no *WhatsApp*, a cada pessoa conhecida que é internada ou morre, etc.. Num constante jogo de fazer e ser feita, a rua brinca de pique-esconde com o COVID-19 como aquela criança que se arrisca a fazer uma dancinha atrás daquela que a está procurando. De casa é possível ouvir a brincadeira.

Os dois primeiros dias de isolamento, por exemplo, foram de silêncio total. Acuados, escondidos do mal que habitava o lado de fora das casas, os moradores esperavam o pior. Era possível ouvir o som do vento nas árvores, alguns carros passando e cachorros latindo ao longe. A impressão era de uma rua em suspenso. Se havia vida, era bem longe daqui. Porém, dois dias se passaram e os moradores já não aguentavam mais. Eles precisavam ir para a rua e falar sobre tudo que estava acontecendo; sobre as teorias do surgimento do vírus que criaram e que leram na internet. Sobre o que iria acontecer no futuro próximo; sobre histórias do passado. Sobre qualquer assunto. Dois dias já eram suficientes. Sustentar o silêncio é algo que se aprende em muitos lugares, mas aqui ele parece ser pesado demais.

Assim, no terceiro dia, o estrondo da bola no portão do vizinho voltou a ecoar. O futebol que tinha sido deixado de lado há algum tempo, voltou a frequentar a Rua Canúto. Era possível ouvir as conversas, o ruído dos chutes, os gritos de gol. Apesar de inconformado com a aglomeração, me senti convocado a estar nela. Afinal, o convite que vinha por todos aqueles sons não era só o de jogar futebol, mas o de voltar 10, 15 anos no tempo. Resisti.

A paisagem sonora da rua, então, foi voltando a apresentar os sons de costume. Músicas voltaram a tocar no volume máximo, vozes voltaram a se encontrar constantemente, festas com propagandas do *YouTube* voltaram a ecoar. Não exatamente como antes. De certa forma as voltas eram relativamente tímidas. Não sei se por receio do vírus ou do julgamento dos vizinhos, as festas reuniam menos pessoas e os portões ficavam fechados (algo incomum por aqui).

Enquanto o tempo passa e as notícias chegam, a Rua Canúto varia seus momentos de efervescência e calma. O silêncio voltou a figurar quando um vizinho foi ao hospital e voltou para casa com suspeita de COVID-19. A quarentena chegou para ele e para toda a rua. Os sons ficaram mais tímidos, a tensão se fez presente. Quando o vizinho melhorou de saúde, a rua melhorou junto. Não se sabe se foi COVID-19, mas sua melhora foi motivo para comemorar. Os sons aumentaram e os encontros voltaram, mesmo sabendo que isso devia ser evitado. Passadas algumas semanas, nenhum morador da rua apareceu com os sintomas. Notícia que soa como música para nossos ouvidos.

Nessa sinfonia desordenada de sons, o que não se ouve na Rua Canúto são os sons das panelas. Nesse momento importante e conturbado da política brasileira, os panelaços contra o Presidente do país não chegam por aqui. Talvez pela aversão à política, talvez pelo apoio ao Presidente, talvez pela própria configuração da habitação (casas) ou talvez por tudo isso ao mesmo tempo. Mas a exemplo, o de muitas ruas da Baixada Fluminense, a rua Canúto parece não acreditar que seu movimento pode produzir alguma mudança. Aqui, bater panela é sinônimo de loucura. Vai bater panela para quem ou para quê? Ninguém vai ouvir. A periferia, assim, abraça sua definição mais simples.

Por fim, vale ressaltar uma figura que até certo ponto, passou despercebida há algum

tempo, mas que se fez presente na sua ausência, o Verdureiro: um sujeito que passa com seu carrinho cheio de verduras à venda. Com uma buzina e seu tradicional grito de *Óh o verdureiro*, ele faz parte da paisagem sonora da rua desde que me entendo por gente. Desde que o isolamento social foi implantado, não se ouve mais o Verdureiro passar. Não sei como a rua dele está neste momento, mas na Rua Canúto de Mesquita não é mais possível gritar em coro, após a quarta buzina, *Óh o Verdureiro*.

... da Rua Euclides da Cunha, Caibi, SC

Tudo começou com uma epidemia aparentemente distante e um pedido de minha mãe, sair da grande metrópole-Rio em função de minha baixa imunidade. A promoção da passagem combinou com minha vontade de organizar algumas coisas no campo das emoções (melhor eu não entrar nisso) e que só poderiam ser resolvidas aqui em Caibi. E cá estou no mato, tão adorável mato - com controvérsias.

No início nada estava diferente por aqui: o movimento do horário de início das aulas escolares; o som estridente daquele sertanejo raiz nos alto-falantes dos carros; os tucanos que insistem em se alimentar dos cocos da palmeira de nossa casa ao meio dia; os cantores pseudo-profissionais no bar da esquina que iniciam pontualmente as 17hs30 junto com as crianças que saem da escola e vem brincar na quadra de esportes da aqui da frente - essas caem, choram, mas parece se divertirem, fazendo a algazarra toda; tem também as irmãs, vizinhas dos fundos que, apesar da adultez, ainda se comunicam aos berros; sem falar nas motos de som que passam várias vezes ao dia para informar, com nosso sotaque, sobre os almoços que se realizarão nas comunidades rurais e sempre dão uma palinha da banda que tocará a tarde. Uma composição sonora que anuncia o fluxo cotidiano de um lugar calmo e rodeado de paisagens verdes, com sete mil habitantes. E são poucos os que costumam caminhar pelas calçadas.

A cidade deixa transparecer uma estaticidade - tal como a imagem dela - e isso produz certo desespero, no entanto, esclareço que há um fluxo pelos supermercados, no Correio, na Unidade de Saúde. Ah, e aqui tem Internet boa, além de muitos atores humanos e não humanos que agenciam e performam modos de vida e de ser peculiares nesse cantinho do mundo. Familiares, vizinhos, amigos continuam com uma rotina de afazeres trabalhistas e domésticos e muitos até consideraram exagero meu retorno ao Sul do país passado pouco mais de um mês de minha ida para o Rio de Janeiro. Precisei salientar minha idade e quem pagava minhas contas... Em 17 de março o Governo do Estado de Santa Catarina se manifesta oficialmente pelo isolamento. Caibi não leva a sério e não para. Não sei como explicar os movimentos e as conseqüentes sonoridades que aqui se fazem e moldam a especificidade desse lugar que provoca um misto de paz e de angústia. Cadê o forró do bar tipicamente nordestino da rua Dois de Dezembro, cujo som do triângulo ecoa no meu quarto? Cadê o caminhão da coleta de lixo que passa as duas horas da manhã com os profissionais cantando um sambinha? Cadê as buzinas, o som dos freios dos ônibus, os roncões das motos, as brigas entre os moradores de rua? E a sirene dos caminhões dos bombeiros que passam quase todos os dias e estremecem o bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro?

Caibi nunca ouviu algo parecido, muito menos concomitante. Aqui, as pessoas vão entendendo paulatinamente o poder de um decreto, mas não de um vírus - talvez por conta da invisibilidade desse não humano. Diante do descrédito, a polícia militar passa a cercear e fechar estabelecimentos - com aquele seu tradicional e questionado modo de disciplinar.

O trânsito de veículos, que era ínfimo se comparado com o de outras localidades, agora é quase inexistente. As tardes são mais longas; o sino da igreja bate com mais intensidade e meu pai, que há alguns dias tem estado em casa, salienta: *ainda são seis horas*. Ele anda preocupado e a todo momento escuto o governador, Seu Moisés, falando em volume alto no celular do meu pai. Sei que são tempos difíceis, que a expectativa de meu pai é de se atualizar e de autorização para retomar seu trabalho. Meu irmão reclama: *Pai já é a segunda vez que tu escuta isso!* E a falação do seu celular é interrompida até que encontre algo pandêmico de novo para ouvir. Também tenho escutado muito os rumores e as músicas de *Call of Duty*, jogo de Playstation – com o qual o adolescente da casa se ocupa durante a maior parte de seu tempo, apesar de minha insistência para que utilize o fone de ouvido.

Tal como a chaleira que chia avisando que a água está pronta para o chimarrão, os eletrodomésticos também estão produzindo ruídos mais altos. A geladeira principalmente nos assusta esporadicamente com o seu auto degelo. E a máquina de lavar roupas? Extremamente baderneira na centrifugação, parece um helicóptero a levantar voo, aliás, essa marca não indico para ninguém. Hoje, do fundo do armário saiu aquela máquina de costura – hora de produzir máscaras para meu pai e seus colegas – mas ela até que é moderninha, emite um ruído de tom suave que aumenta conforme a força do pé da genetriz. Mesmo na sua tranquila vibração, faz lembrar minha avó porque no tempo dela, diz a minha mãe, o som da máquina era ensurdecedor. Ah, que saudade da minha vó!

No entanto, o que mais tem chamado minha atenção talvez seja outro som, ele vem de dentro e está me incomodando principalmente a noite quando eu me deito. Em meio ao silêncio externo, passo a ouvir ruídos internos. É meu ouvido. Com o passar dos dias ele me faz questionar: qual a qualidade da minha audição? É tão boa que escuto meus músculos da face e as gotas de água que caem sobre a minha cabeça durante o banho ou tão ruim que alguns sons externos tem me perturbado tanto que causam cansaço e outros eu quase não escuto a ponto de ter que pedir *repeteco*? Será que é excesso de ruído? É possível ficar louca ouvindo os sons de si? Seguirei...

A noite eu também posso ouvir os galos a cantar e descubro, pelos saberes do meu avô paterno que, quando não chove, eles impreterivelmente cantam à meia noite. Adormeço e logo percebo o ritmo forte dos passos do meu pai de encontro ao assoalho (imagine aquela madeira antiga que estala toda acoplada aos pés de um homem grande em processo de *acordagem* – desadormecer...) pafh, pufh, pafh, pufh... Já é de manhã, mas aqueles estrondos não atrapalham todo o meu sono, eu o retomo.

Escuto o celular da vizinha num despertar contínuo, acho que ela não acorda. Aquele som, às vezes, se confunde com o meu Justin Bieber. E a barulheira está feita. Meu irmão sugere que tire o alarme ou pelo menos mude a música, pois ele está enjoado de acordar daquela forma. Um ciclo complexo e significativo de ficar incomodada e incomodar que produz um habitat e seus habitantes, conforme salientam Giralt, Gómez e López (2010).

Segundo minha mãe, com a quarentena há mais diálogo em casa. Acredito que ela quis dizer mesmo é que estamos todos aqui e não tem para onde sair. Até tem... temos um mato e nos finais de semana vamos lá ouvir o tinido das cigarras e dos grilos, o canto dos quero-queros¹⁶, a comunicação das vacas, bem como o som da

¹⁶ Cf. Wikipedia, Nome popular devido ao grito que costuma repetir para defesa de seu território, do *Vanellus chilensis* ou *Bollopterus cayennensis*, ave de porte médio comum na América do Sul, pertencente à família *Charadriidae*.

água, das folhas que mexem com o vento, o ruído do fogo de chão e o grunhido das cordas da minha rede a roçar nas árvores que a sustentam. A paisagem sonora desse habitat rural é diferente, mas a calma se parece com a da cidade. Ressalto que é um passeio dos finais de semana, porque o comandante Moises dá um novo recado pelas redes ao meu pai: *as obras públicas não podem parar*. É contraditório, mas alegria se instala e me dou conta que até a JBL voltou a ser ligada e passou a tocar umas músicas por aqui. Agora escrevendo essas linhas, percebo que escutar o ambiente precisa ser mais um de meus aprendizados, porque reaviva e produz afeições, me faz-fazer.

A produção de sons do atrito do meu corpo com a cadeira desvia o olhar para a janela no intuito de encontrar outros ruídos significativos, pois estranho a quietude. Nesse processo reparo o número de carros – quatro caminhonetes bonitas – que os vizinhos do outro lado da rua à direita têm. Começo a imaginar quanto CO2 elas emitem, quanto devem gastar com IPVA e seguro; na barulheira que devem produzir quando ligadas juntas. Me dou conta que não tenho nada que ver com a vida deles. Para que isso? Foca no que é importante escrever, menina.

Os silêncios me fazem viajar, a lentidão da rotina me faz bisbilhotar a vida dos outros como se não tivesse textos para ler e tarefas a fazer... e, de repente, escuto o latido de um cachorro. Não é muito distante. Presto atenção porque aquela sonoridade gutural é familiar. Está a um quarteirão de casa, é o Benji, meu cachorro - agora muito mais dos meus avós, que o tem cuidado e acho que ele tem amado mais - preciso vê-lo!

Considerações Finais

Em nossa busca de reconciliação com os sons ao redor dos lugares que habitamos, percorremos um longo caminho. Um caminho que se inicia com a proposição da *paisagem sonora* – *soundscape* – de Murray Schafer (1992/2011) e sua sedutora designação para um campo de estudos situado no cruzamento entre a ciência, os estudos sociais e as artes – e todos sabemos o quanto nós arquitetos nos deixamos seduzir pelas belas formas e pelas belas palavras. Mas a possibilidade de sua identificação com o entendimento de paisagem visual – *landscape* – que opera como pano de fundo ou como palco dos acontecimentos que acontecem nos lugares, mais adiante, nos desviou na busca de outras conexões. Confirmando Bruno Latour (2000) e Annemarie Mol (2008), fomos performando a rede tal como ela ia se fazendo. E as implicações de sua designação, nos indicaram um outro caminho possível a seguir. Um caminho também sedutor – da espacialidade sonora – em um contexto de outras tantas espacialidades habitadas por interfaces que, nas ontologias de seus modos de existência, aprendem a ser afetadas. Seguimos, assim, a trilha aberta pela ontologia heterogênea das *espacialidades*, que permitiu apreender as experiências locais e encarnadas daqueles que habitam um lugar.

Assim como o vírus do COVID-19, os sons são fluidos e desprovidos de uma materialidade visível. Em sua fluidez, eles se espalham pelos lugares e ambientes. Diferentemente dos marcos visuais e sua espacialidade euclidiana, a espacialidade sonora produz composições de habitats e de habitantes difíceis de mapear. Como os relatos aqui reunidos explicitam com clareza e sensibilidade, a espacialidade sonora depende de nossa escuta e de um engajamento ativo e imaginativo envolvendo os autores e os sons existentes ou imaginados. Os relatos também evidenciam que a escuta dos sons se produz nas conexões com variadas fontes de ação – incluindo a agência dos não-humanos – e/ou com outras espacialidades. A heterogeneidade dos modos de existência e das dimensões políticas dos sons nas performances das

espacialidades sonoras é encarnada por quem as habita. Os relatos, mediados pelas tecnologias utilizadas para contornar as restrições e recomendações de isolamento, formulam ontologias alternativas para trazer à existência esses lugares desordenados e evasivos e seus modos de estar presente nas redes de objetos, materialidades, tecnologias, natureza, organismos e seres humanos. Suas múltiplas realidades não são dadas. Elas são performadas nas práticas cotidianas e subvertem a crença na existência de uma realidade única.

Diante da aparente estabilidade da espacialidade euclidiana e dos marcos visuais desses lugares, os relatos revelam espacialidades sonoras *antes* e *depois* da chegada do COVID-19 e suas associações com outras espacialidades, como a da imaginação e a das tecnologias, presente em *muita coisa [que] se faz presente numa casa, nas lembranças de uma avó*, no imaginar a chuva e as folhas que caem, o vento; ou na instauração de *uma competição silenciosa com a vizinha do apartamento da frente* na fabricação de bolos e pães; no trajeto dos aviões e da vizinha do andar de cima, que trocou os sapatos de salto alto pelos chinelos; ou no reviver a vida dos subúrbios, onde *bater panela é sinônimo de loucura ... bater para quem ou para quem se ninguém vai ouvir?*. Ao abraçar sua definição mais simples a periferia protesta com o silêncio ... um silêncio que faz barulho; ou o silêncio de uma pequena cidade catarinense que *deixa transparecer uma estaticidade ... [que] ... produz certo desespero* para quem passou a habitar uma metrópole e se desacostumou com a performance dos modos de vida e de ser peculiares nesse cantinho do mundo ... [de pessoas que] ... *vão entendendo paulatinamente o poder de um decreto, mas não de um vírus*. Ou ainda a descoberta de *outro som*, um que vem de dentro e que, diante do silêncio da noite, permite *escutar meus músculos da face e as gotas de água que caem sobre a minha cabeça durante o banho*; dos silêncios *que fazem viajar*, que convidam a *ouvir os sons do sino da igreja*, ou as *crianças brincando com seus pais*; ou ouvir sons *que provavelmente sempre estiveram presentes* mas antes da pandemia não eram percebidos.

A escrita coletiva desse texto permitiu também exercitar a proposição latouriana de que a produção de conhecimento é uma tecnologia de pensar, que rearranja o mundo ao mesmo tempo em que refaz seus participantes, performando um ambiente-resultado onde não há organismos de um lado e meio ambiente de outro, mas uma sobreposição de agenciamentos mútuos cuja capacidade de ação é distribuída (Latour, 2020).

Ao serem escritos, os relatos transformaram seus autores, intensificando e potencializando sua atenção aos sons da rua, reatualizando experiências vividas, criando novas possibilidades de existência. Todos passaram a perceber que o fluxo desses sons trazidos à existência no texto, *continuam em sua fluidez constante ao longo dos dias, variando em suas intensidades*. Eles sugerem (e convidam) a explorar a potencialidade de *outras* espacialidades ou horizontes topológicos que se complementam, incluem, misturam e associam. No caso específico da espacialidade sonora, os relatos possibilitam um retorno ao texto da epígrafe, na forma de um convite: *O mundo, então, está cheio de sons. Ouça!*

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

CASTELLO, Lineu. *A Percepção de Lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo*. Porto Alegre: PROPAPAR-UFRGS, 2007.

COSTA, Rodrigo Neves. *Debaixo do mesmo teto: prática projetual em edifícios de pesquisa*. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura). Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

EMERY, Osvaldo; RHEINGANTZ, Paulo. Para evitar a construção de uma paisagem sonora autista, é preciso saber ouvir a arquitetura. In: *Arquitextos Vitruvius* 015.08 ano 02, ago 2001.

FARIAS, Ignacio; BENDER, Thomas (Edit.) *Urban Assemblages How Actor-Network Theory Changes Urban Studies*. Nova Iorque; Londres: Routledge, 2010.

FELD, Steven. Acoustemology. In NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt. (org.) *Keywords in sound*. Duke: Duke University Press, 2015. Cap. 1, p. 12-21.

GANE, Nicolas; HARAWAY, Donna. Se nós nunca fomos humanos, <https://journals.openedition.org/pontourbe/1635> o que fazer? Entrevista com Donna Haraway. Trad. de Ana Letícia de Fiori, 2009. Disponível em <https://journals.openedition.org/pontourbe/1635>. Acesso em: 15 fev 2021.

GIRALT, Israel Rodríguez; GÓMEZ, Daniel López; LÓPEZ, Noel Garcia. Conviction and commotion: on soundspheres, technopolitics and urban spaces, in FARÍAS, Ignacio; BENDER, Thomas. 2010, p. 179-196.

INGLUD, Tim. Four objections to the concept of soundspace. In INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on movement, knowledge and description*. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2011, Cap. 11, p. 131-139.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação – como seguir cientistas e engenheiros mundo afora*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

LATOUR, Bruno. *A Esperança de Pandora*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. *Reassemblar lo Social. Uma introducción a la teoría del actor-red*. Buenos Aires: Manantial, 2008a.

LATOUR, Bruno. Como falar do Corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo. [Orgs.] *Objetos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2008b, Cap. 1, p. 39-62.

LATOUR, Bruno. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-Crise. In *Blog Pensar o tempo*, 17/04/2020. Disponível em <https://bazardotempo.com.br/1535-2/> Acesso em: 14 jul 2020.

LAW, John; MOL, Annemarie. Situating Technoscience: an Inquiry into Spatialities. Lancaster: Centre for Science Studies, Lancaster University. Disponível em <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Mol-SituatingTechnoscience.pdf>. Acesso em: 22 mai 2020.

MOL, Annemarie. Política Ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In NUNES,

J. A.; ROQUE, R. [orgs.] *Objetos impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2008, p. 63-78.

NORGERG-SCHULZ, Christian; DIGERUD, Jan Georg. *Louis Khan, idea e imagen*. Madrid: Xarait Ediciones, 1981.

NORMAN, Katharine (edit.). Real-world music as composed listening. *Contemporary Music Review*. Londres, v.15, n.1, p. 1-27, 2021.

RHEINGANTZ, Paulo; PEDRO, Rosa; ANGOTTI, Fabíola; SBARRA, Marcelo; GUERRA, Juliana. Contributions of Science-Technology Studies and Actor-Network Theory to Urban Studies. *Area Development and Policy*. Londres, v.5, n.1, p. 50-74, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1080/23792949.2019.1631196>. Acesso em: 21 out 2020.

ROCHA, Claudia Maria de Holanda. Escutando as cidades: cartografia de sonoridades. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; COPPE, 2017.

SCHAFFER, Murray. R. *Soudscapes*. Nova Iorque: Knopf, 1977.

SCHAFFER, Murray. R. *O ouvido pensante* (1ed). São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SCHAFFER, Murray. R. *O ouvido pensante* (2ed atualiz). São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

STERNE, Jonathan. Soundscape, landscape, scape. In BUSTERVELD, Karin. (ed.) *Soudscapes of urban past: staged sound as mediated cultural heritage*. Bielfeld: Verlag, 2013. Cap. 7, p. 181-192.

WESTERKAMP, Hildegard. Linking soundscape composition and acoustic ecology. *Organized sound*, Cambridge, v.7, n.1, 2002. Disponível em www.sfu.com. Acesso em: 05 nov 2020.

WIKIPEDIA https://pt.wikipedia.org/wiki/Paisagem_sonora. Acesso em: 01 abr 2021.